

O LUGAR, O TEMPO E O SER: UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE A AGENDA HUMANA NA PÓS-MODERNIDADE

PLACE, TIME AND BEING: A BRIEF REFLECTION ON THE HUMAN AGENDA IN POSTMODERNITY

LUGAR, TIEMPO Y SER: UNA BREVE REFLEXIÓN SOBRE LA AGENDA HUMANA EN LA POSMODERNIDAD



10.56238/sevened2026.001-033

José Roberto Limas da Silva

Doutor em Teologia

Instituição: Faculdades Escola Superior de Teologia (EST)

Membro do grupo de pesquisa do CNPQ "Identidades e sociabilidades religiosas contemporâneas"

RESUMO

A presente análise reflete sobre a crise de identidade do sujeito contemporâneo em face das transformações nas categorias geográficas tempo e lugar. Neste sentido, o artigo tem como objetivo demonstrar as desconexões na relação do ser humano com o espaço e com sua agenda social, bem como o quadro de angústia e ansiedade decorrentes deste processo. A pesquisa entende que a virtualização do tempo e do espaço diante do uso constante das tecnologias de simultaneidade, como a internet e as redes sociais, tem causado este quadro social caótico. A discussão apresentada neste artigo já foi objeto de pesquisa bibliográfica e documental, numa perspectiva dedutiva, em uma comunicação apresentada no Congresso Internacional de Altos Estudos em 2022. Não obstante, por se tratar de um tema que dialoga diretamente com as vivências sociais, o método fenomenológico se encontra presente na perspectiva de uma hermenêutica existencialista dos fatos e comportamentos humanos. A pesquisa aponta um caminho interessante ao analisar a pessoa de Jesus de Nazaré, considerando-o como um arquétipo apropriado para uma virada comportamental desta geração ansiosa e angustiada. Por fim, o artigo advoga a necessidade de reconhecer a dimensão transcendental do ser humano, conciliando natureza essencial com existência histórica.

Palavras-chave: Ser Humano. Lugar. Tempo. Jesus.

ABSTRACT

This analysis reflects on the identity crisis of the contemporary subject in the face of transformations in the geographical categories of time and place. In this sense, the article aims to demonstrate the disconnections in the relationship between human beings and space and their social agenda, as well as the resulting anguish and anxiety. The research understands that the virtualization of time and space through the constant use of simultaneous technologies, such as the internet and social networks, has caused this chaotic social situation. The discussion presented in this article has already been the subject of bibliographic and documentary research, from a deductive perspective, in a paper presented at the International Congress of Advanced Studies in 2022. However, since it deals with a theme that directly engages with social experiences, the phenomenological method is present from the perspective of an

existentialist hermeneutics of human facts and behaviors. The research points to an interesting path by analyzing the person of Jesus of Nazareth, considering him as an appropriate archetype for a behavioral shift in this anxious and distressed generation. Finally, the article advocates the need to recognize the transcendental dimension of the human being, reconciling essential nature with historical existence.

Keywords: Human Being. Place. Time. Jesus.

RESUMEN

Este análisis reflexiona sobre la crisis de identidad del sujeto contemporáneo ante las transformaciones en las categorías geográficas de tiempo y lugar. En este sentido, el artículo busca demostrar las discontinuidades en la relación entre los seres humanos y el espacio, así como su agenda social, así como la angustia y la ansiedad resultantes. La investigación comprende que la virtualización del tiempo y el espacio, ante el uso constante de tecnologías simultáneas, como internet y las redes sociales, ha provocado esta situación social caótica. La discusión presentada en este artículo ya ha sido objeto de investigación bibliográfica y documental, desde una perspectiva deductiva, en una comunicación presentada en el Congreso Internacional de Estudios Avanzados en 2022. Sin embargo, al tratarse de un tema que dialoga directamente con las experiencias sociales, el método fenomenológico está presente desde la perspectiva de una hermenéutica existencialista de los hechos y comportamientos humanos. La investigación señala un camino interesante al analizar la persona de Jesús de Nazaret, considerándolo un arquetipo apropiado para un cambio de comportamiento en esta generación ansiosa y angustiada. Finalmente, el artículo defiende la necesidad de reconocer la dimensión trascendental del ser humano, conciliando la naturaleza esencial con la existencia histórica.

Palabras clave: Ser Humano. Lugar. Tiempo. Jesús.

1 INTRODUÇÃO

A necessidade de pensar sobre o estilo de vida pós-moderno, com sua agenda estressante e suas demandas desafiadoras, exige que reconsideremos alguns conceitos estabelecidos. Neste sentido, a ideia de lugar e tempo tem sido totalmente reformulada na nossa prática cotidiana, entretanto, ainda nos valem de um conceito antigo a respeito do que é tempo e do que é espaço.

Quando buscamos estabelecer uma teia de relações entre o lugar, o tempo e o ser humano, precisamos admitir que o homem “somente pode estabelecer raízes profundas em uma pequena parte do mundo”¹, que chamamos de *lugar*. Este lugar sempre evocará a subjetividade do indivíduo. O lugar desperta sentimentos, emoções e memórias que estão adormecidos em nosso interior. Percebe-se, facilmente, que “a esperança das pessoas gira em torno de determinados lugares carregados de histórias e símbolos”².

Portanto, quando consideramos esta relação entre tempo, espaço e ser, precisamos começar a partir do lugar (espaço das vivências). Diante disto a análise da categoria lugar só é possível a partir do indivíduo, mas isso não deve pressupor que os lugares são criações do sujeito, porém devem ser considerados como espaços locais que “possuem características próprias”³, ou seja, que têm existência real, seja no plano material, seja no cultural. Evidentemente que o lugar tem existência própria, seja nossa casa, nosso bairro, nossa cidade, mas estes lugares só ganham cores, sentido e significado a partir da nossa subjetividade, ou seja, nossos sentimentos *pintam* e dão o colorido àquele espaço.

Assim, a descoberta do sujeito, das coisas e dos demais seres deve partir da categoria chamada lugar, porque é o lugar que organiza e dimensiona o espaço, à medida que ele (o lugar) representa uma fragmentação deste espaço e, por isto, a compreensão do espaço só é razoável a partir do vivido, do experimentado. Portanto, a ideia de que podemos compreender o mundo e as coisas abstraindo os objetos do espaço, ignorando seu lócus, suas relações e suas essências individuais, tem demonstrado ser um grande equívoco, pois quando falamos de *lugares*, estamos falando da significação do espaço para cada indivíduo, pois não podemos explicar o espaço, a vida, os objetos e as relações senão a partir do indivíduo.

Não obstante a preeminência do lugar na compreensão do ser humano, não devemos esquecer que o espaço (lugar) é conhecido na escala do tempo. A espacialidade se manifesta em dado tempo. Neste sentido, a agenda humana só é possível em dado lugar, dentro de um período de tempo. Por conseguinte, a atividade humana é refém do lugar e do tempo. Nossas relações são mediadas ininterruptamente por essas duas categorias (lugar e tempo).

¹ Yi-Fu, TUAN, *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Rio de Janeiro: Difel, 1980. p. 115.

² BONNEMAISON, Joel. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDHAL, Z. (Orgs.). *Geografia cultural: um século* (3). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002, p.83-131. p. 108.

³ ROCHA, José Carlos. Diálogo entre as categorias da geografia: espaço, território e paisagem. *Caminhos de Geografia*, Uberlândia, v. 9, n. 26, p. 128 – 142, 2008. p. 135.

2 CONCEITO DE LUGAR NA PÓS-MODERNIDADE⁴

Vamos pensar no conceito de lugar, considerando os modernos arranjos espaciais, bem como o fato de que o homem pós-moderno é dinâmico e desloca grandes distâncias em curto espaço de tempo. Esta é uma questão tensa para o estabelecimento de um conceito de lugar, uma vez que “a situação de um homem supõe um espaço onde ele se move; um conjunto de relações e de trocas e distâncias que fixam de algum modo o lugar de sua existência”⁵. Mas, diante desta intensa mobilidade humana, precisamos avançar na compreensão de lugar, não o vendo, apenas, como um local estático, mas como um espaço móvel e dinâmico.

Nesta empreitada de libertar o lugar da condição estática/locacional e atribuir a ele significado translocal, precisamos ter o cuidado de não esquecermos que o lugar é o ancoradouro das experiências, ou seja, “o lugar encarna as experiências e aspirações das pessoas”⁶. Desta forma, não podemos reduzir o lugar a uma subjetivação, matando o seu aspecto físico/local, pois o lugar materializa nossas memórias.

Considerando que o lugar é o substrato das experiências e não a experiência em si, logo ele é o espaço/mundo das vivências⁷. E se não podemos reduzir o local às vivências e experiências, havemos de convir que as experiências e vivências no mundo pós-moderno se manifestam em espaços variados, fragmentados e distanciados. Isto observamos com facilidade quando olhamos para a vida das pessoas que moram nas grandes metrópoles que passam grande parte do seu tempo fora do seu lar. Sabe-se, por exemplo, que, no decurso de um ano, “o paulistano passa, em média, o equivalente a um mês e meio parado no trânsito”⁸.

Atualmente, a ideia de lugar como um local estático está limitada às pessoas que moram em cidades pequenas e aos grupos que pertencem às sociedades tradicionais que preservam a paisagem física e os costumes passados. Esta população é, ainda, a depositária de memórias que são evocadas através da preservação daquele espaço. Cidades históricas e patrimônios culturais preservados são exemplos clássicos desta ideia de lugares estáticos.

Considerando, ainda, que o lugar não é um espaço amorfo, uma vez que ele materializa um espaço significativo, sagrado e emblemático, este mesmo lugar, na pós-modernidade, é concebido

⁴ Neste texto, pós-modernidade, contemporaneidade, modernidade tardia e modernidade líquida serão usadas de forma intercambiável. Neste sentido, sabemos que se pode fazer alguma distinção sobre estes conceitos. Entretanto, tanto a pós-modernidade, a modernidade tardia de Giddens e a modernidade líquida de Bauman analisam as profundas transformações sociais contemporâneas, marcadas pelos processos de fragmentação, impermanência e desregulamentação.

⁵ DARDEL, Eric. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 14.

⁶ HOLZER, Werther. O lugar na geografia humanista. *Revista Território*, Rio de Janeiro, ano IV, p. 67 – 78, 1999. p. 70.

⁷ Filósofos, como Husserl, usam a expressão mundo das vivências, com o sentido de lugar das experiências, do vivido, do experimentado.

⁸ DIOGENES, Juliana. *Por ano, paulistano passa, em média, 1 mês e meio preso no trânsito*. Disponível em: <<https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral>>. Acesso em 25 de agosto de 2019.

qualitativamente e não pelas coordenadas geográficas. Assim, todo lugar é *sagrado/significativo* quando ele é o substrato das vivências relevantes (trabalho, lar, lazer, culto etc). A espacialidade física continua sendo essencial, entretanto, o lugar se torna significativo pela experiência vivida, porque são “as pessoas que lhe dão significado”⁹ e não a sacralidade/simbolismo inerente ao lugar.

Entretanto, esta é uma experiência recente da humanidade, pois na antiguidade, o valor e a importância do lugar eram baseados na sacralidade daquele espaço. As sociedades se organizavam em torno de um estatuto simbólico, ou seja, o lugar escolhido por determinada população era considerado diferente, especial, sagrado em relação ao restante do entorno espacial. Esta experiência era chamada de hierofania, onde “uma irrupção do sagrado que tem como resultado destacar um território do meio cósmico que o envolve e o torna qualitativamente diferente”¹⁰.

A pós-modernidade, neste sentido, não deixa de ser uma proposta de dessacralização e deslocamento do lugar. Alguém mais ousado diria que as sociedades contemporâneas são topocidas (assassinas do lugar). Não sejamos tão exagerados, mas esta diferenciação na forma como as vivências são experimentadas é a responsável pela ampliação do conceito de lugar na pós-modernidade. Os lugares das vivências significativas passam a ser arquipélagos de uma mesma espacialidade sagrada, um verdadeiro mundo da vida¹¹. Grosseiramente, a soma dos micro-lugares significativos (escola, igreja, família, trabalho etc) produz um macro-lugar afetivo/simbólico. Neste entendimento, admitimos que “todos os lugares são pequenos mundos”¹² significativos, ou seja, dotados de sentido.

A questão mais inquietante, neste contexto, é que recebemos um legado histórico da antiguidade e da modernidade iluminista¹³ em que o lugar estático ocupava a primazia na construção das memórias vivenciadas. E, assim, o lugar representava o baú das experiências, ele desencadeava as lembranças. O lugar portava o passado enquanto tecia o presente. Desta forma, a pós-modernidade gera uma ruptura com este processo mnemônico¹⁴, relativizando a importância do lugar físico/estático na construção das lembranças.

Esta atitude de desconexão com lugares específicos e estáticos gera certo desnorreamento do ser humano, tendo em vista que os lugares físicos vão perdendo sua força de aglutinação e de sentimento comunitário. O sujeito pós-moderno perde, diariamente, o sentimento de vida comunitária. A pós-modernidade gerou uniformidade (em termos de globalização de mercados econômicos), mas

⁹ TUAN, 1979, apud HOLZER, 1999, p. 70.

¹⁰ ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 30.

¹¹ Lebenswelt na língua alemã, berço do existencialismo fenomenológico de Husserl e Heidegger.

¹² HOLZER, 1999, p. 70.

¹³ Em termos históricos e, de forma simplificada, admitiremos modernidade iluminista como o período entre o século XVIII e meados do século XX, sendo que, a partir do fim da segunda guerra mundial, podemos pensar em uma modernidade tardia ou uma contemporaneidade ou, ainda, como dizem alguns pesquisadores, uma pós-modernidade.

¹⁴ Diz respeito às técnicas usadas para gerar memorização.

não produziu unidade cultural entre os humanos. Estamos reunidos em torno de uma parafernália tecnológica, mas separados por um individualismo pulverizado em lugares fluidos.

Não obstante este processo de *deslugarização*, fica evidente que os mecanismos simbólicos subsistem no lugar, mesmo na pós-modernidade, ainda que travestidos e ressignificados, porque o homem sempre está buscando significar o espaço de suas vivências, bem como fornecer sentido para sua vida. Neste sentido, percebemos na nossa pós-modernidade vários fenômenos sociais, como as *Raves*¹⁵, associados a esta busca de identidade do homem contemporâneo, especialmente em face da proposta de globalização da cultura.

Este processo de reorganização do espaço, especialmente do lugar, demonstra a necessidade que o ser humano tem de construir sua identidade a partir do lugar, mesmo que ele não desfrute de uma espacialidade rígida, definitiva e estática. A fluidez do lugar não impede que esta busca por identidade deixe de ser construída. Nesse sentido, todos sabemos que os processos identitários são construídos a partir de um simbólico comum ao grupo (língua, origem social, memórias, mitos, heróis) e, atualmente, eles significam uma ilha de resistência à massificação cultural.

Portanto, a desconfiguração do lugar (*deslugarização*) gera dois resultados, aparentemente, antagônicos. O primeiro é a morte dos lugares, a dissolução de memórias, a desconexão do indivíduo com o lugar de origem. O segundo é a reconfiguração de um micro-espaço, fluido, dinâmico e translocal, produzindo o alocamento das vivências, memórias e sentimentos.

Daí, os processos de fragmentação e a descontinuidade, próprias da pós-modernidade, alavancam o sentimento identitário, ou seja, o indivíduo sente a necessidade de achar-se, localizar-se, pertencer-se. Neste sentido, ele precisa dos velhos símbolos, das tradições, das memórias coletivas, do sentimento de pertencimento, do sagrado, do Transcendente.

2.1 REFLEXÕES SOBRE A IDEIA DE TEMPO NA ANTIGUIDADE E NA MODERNIDADE

A ideia de um tempo linear é privilegiada na visão judaico-cristã e, desta forma, imagina-se uma reta linear no curso da humanidade. Cada fato que ocorre ao longo da história seria singular, não se tratando de “um acontecimento sujeito à repetição, que poderia ser reproduzido diversas vezes (*pollakis*)”¹⁶, pois a história seria uma sucessão de fatos numa perspectiva gradativa e sequencial.

Diferentemente deste pensamento, nas sociedades tradicionais da antiguidade, está presente a ideia de um tempo cíclico, ideia esta que sobreviveu, em parte, na idade média. Nesta perspectiva, a compreensão do tempo e dos fatos históricos é mítica e supra-histórica. Logo, o fato histórico não é

¹⁵Raves são festas cosmopolitas que misturam cultura e música tecno, drogas e uma multidão de jovens adolescentes ansiosos por emoção – como uma forma de acesso ao sagrado que se abre pela transgressão da ordem cultural e pela ritualização dessa experiência. Fonte: GAUTHIER, 2004, Apud OLIVEIRA, 2005, p. 20.

¹⁶ELIADE, Mircea. *O mito do eterno retorno*. São Paulo: Mercúrio, 1992. p. 124, 125.

visto como um fato para ser explicado em si mesmo, mas ele é a repetição ou um ciclo obrigatório de uma narrativa arquetípica (padrão/modelo/original). Diante disto, o ser humano das “civilizações tradicionais não considerava o fato histórico como uma categoria específica de seu próprio modo de existência¹⁷”, mas uma hierofania¹⁸ no seu mundo físico/social.

Somente no encerramento da idade média e, mais propriamente, “a partir do século XVII em diante, o linearismo e a concepção progressista da história afirmam-se cada vez mais, colocando a fé numa linha de progresso infinito, uma fé que já havia sido proclamada por Leibniz, predominantemente no século do iluminismo (...)”¹⁹. Já na pós-modernidade vemos o império do tempo cronológico (histórico/imediatista) e da agenda dos compromissos inadiáveis. O relógio se tornou o senhor de nossa vida social e hoje qualquer um de nós “consulta esses relógios dezenas de vezes por dia, porque tudo que fazemos tem de ser feito em um momento específico”²⁰.

Diante disto, nossa agenda perdeu o caráter subjetivo e particular, assumindo um caráter objetivo e utilitarista. Desde a revolução industrial, fomos constrangidos a adaptarmo-nos ao tempo industrial e às demandas do mercado produtivo. Associado a esta agenda capitalista, alistamos “a urbanização, o desaparecimento da classe camponesa, a ascensão do proletariado industrial, o empoderamento do indivíduo comum, a democratização, a cultura jovem e a desintegração do patriarcado”²¹. Todos estes elementos e fenômenos construíram uma agenda humana regida por datas e horários, assim, o tempo histórico se tornou inexorável e soberano na modernidade e na pós-modernidade.

O processo de cronometrar o tempo e planejar a vida numa agenda rígida passou a ditar a norma das relações sociais. O que foi alavancado com a revolução industrial, em face da organização do chão de fábrica, tornou-se uma condicionante para toda a vida em sociedade. A agenda se tornou soberana sobre o agendador. Não sobrou espaço para o acaso, os desencontros, as catástrofes, o imprevisto e o imponderável, pois a partir do iluminismo, havia uma expectativa otimista de que estávamos num processo evolutivo social e cultural e como diria Descartes: “o conhecimento visa ao bem coletivo, de modo que possamos nos tornar mestres e possuidores da natureza”²².

Ocorre que o domínio sobre a natureza em face do progresso científico trouxe poluição do ar/águas, remoção das matas, extinção de centenas de espécies animais e a morte de mais de cem milhões de pessoas em duas guerras (século XX). De fato, a modernidade legou à pós-modernidade um tempo em que o calendário enlouqueceu na urgência de sua agenda.

¹⁷ ELIADE, 1992, p. 123.

¹⁸ Hierofania (manifestação do sagrado).

¹⁹ ELIADE, 1992, p. 126.

²⁰ HARARI, Noah Harari. *Sapiens: Uma breve história da humanidade*. 24 ed. Porto Alegre: L & PM, 2017, p. 365.

²¹ HARARI, 2017, p. 366.

²² DESCARTES, René. *Discurso do Método*. Porto Alegre: L & PM, 2013, p. 27

2.2 A RELAÇÃO TEMPO E LUGAR

Nossa vida histórico/social só é possível na relação espaço-tempo. Desta forma “a experiência do tempo é indissociável da experiência do espaço”²³. Precisamos distinguir tempo cronológico de tempo existencial, no sentido de que no plano cronológico o que conta é a quantidade, a sequência lógica dos fatos, enquanto “a nível do tempo da existência, o que conta não é a quantidade de minutos somados, mas a intensidade dos momentos singulares”²⁴. Se o tempo regula os atos sociais, ele demanda uma espacialidade onde estes fatos estão acontecendo. Portanto, tempo e espaço são parceiros na estruturação da agenda humana.

A vida pós-moderna se depara com um fato novo que é a simultaneidade de atividades e, por extensão, de fatos sociais em diferentes espacialidades, impactando a relação espaço-tempo. Esta mentalidade colide frontalmente com a orientação bíblica que afirma: “tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu”²⁵. Não deve ser esquecido, também, que

nas épocas mais primitivas, os homens sempre conheceram esse tempo e souberam distinguir os momentos mais oportunos para as suas ações. A caça, a pesca, a navegação, o plantio, a colheita, a criação de animais exigem uma perspicácia natural na percepção dos momentos oportunos e favoráveis²⁶.

O que se percebe é que a nossa época tem sido marcada por uma desconexão entre o tempo e os lugares. As tecnologias de simultaneidade, o mundo globalizado, os mercados mundiais interconectados, tudo isto tem causado o rompimento das barreiras espaciais, fazendo do mundo um verdadeiro *aqui e agora*. “O presente se torna, assim, reificado, na ausência de uma relação coerente entre passado, presente e futuro. Trata-se de uma ‘esquizofrenia’ onde se vivencia uma série de ‘puros presentes’, não relacionados no tempo”²⁷.

Ademais, a velocidade dos deslocamentos, em face dos modernos meios de transporte, reduziu a força das distâncias e a importância das espacialidades. Neste sentido, “tempo e espaço teriam sido de tal forma dissociados que o que domina, na verdade, é um espaço des-historicizado, um espaço sem tempo”²⁸. A sincronia das ações no tempo gera um desencaixe entre espaço e tempo. Sendo assim, o foco se torna o indivíduo que realiza a ação, não a ação no decurso do espaço e do tempo. O conceito de lugar, então, na vida pós-moderna, diz respeito ao espaço das relações, não necessariamente, estático

²³ CRIPPA, Adolpho. *Mito e Cultura*. São Paulo: Convívio, 1975, p. 145.

²⁴ CRIPPA, 1975, p. 146.

²⁵ ALMEIDA, João Ferreira. *Bíblia Sagrada* – Livro de Eclesiastes (capítulo 3, verso 1). São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

²⁶ CRIPPA, 1975, p. 146.

²⁷ HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade*. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016, p. 153.

²⁸ HAESBAERT, 2016, p. 155.

e definitivo. O lugar se torna, assim, flutuante e dinâmico. As memórias da pós-modernidade são fluidas e escorregadias, pois não têm ancoradouro.

Neste sentido, as relações de simultaneidade vão desconstruindo a relação do tempo com o espaço. Uma ação que poderia ser realizada em dado tempo e em certo espaço, pode ser desenvolvida na ausência física do sujeito agente. Neste sentido, “o lugar se torna cada vez mais *fantasmagórico*”²⁹, tendo em vista que pode ser visitado/atingido por alguém que não está fisicamente presente em sua espacialidade.

Assim, o lugar pode assumir novas feições em face da ação de sujeitos ausentes. Neste caso, as implicações culturais são profundamente graves, sobretudo porque agentes externos ao lugar podem moldá-lo movidos por interesses políticos ou econômicos. O maior exemplo disto são as organizações e as empresas transnacionais que “são capazes de conectar o local e o global de formas que seriam impensáveis em sociedades mais tradicionais, e, assim fazendo, afetam rotineiramente a vida de milhões de pessoas”³⁰.

2.3 O SER EM FACE DO LUGAR-TEMPO – REFLEXÕES EM HEIDEGGER

No pensamento de Heidegger “o ser não somente não pode ser definido, como também nunca se deixa determinar em seu sentido por outra coisa nem como outra coisa”³¹. Assim, para Heidegger o ser só pode ser determinado a partir de si mesmo, pois para ele “o ser é algo derradeiro e último que subsiste por seu sentido, é algo autônomo e independente que se dá em seu sentido”³².

Não obstante, a soberania do ser em se definir somente no seu existir, sua história só pode ser conhecida dentro de uma espacialidade (lugar) e ao longo do tempo. O ser em Heidegger só pode ser conhecido, ainda que incompletamente, ao longo do tempo, pois ele não acredita no homem essencial, mas no homem existencial. Um ser que não diz muito com palavras, mas com seu existir/relacionar com o mundo. O ser ao entrar neste mundo, isto é, quando começa gozar da espacialidade, é um ser vazio, mas que se constitui criativamente à medida que experimenta sua existência no mundo. E no dizer de Heidegger, este é *o ser-ai*, ou seja, somos o que somos somente no mundo.

O termo *presença*, cunhado por Heidegger, é algo semelhante com autoconhecimento do ser, consciência crítica de si mesmo, possibilidade de questionar, autocompreensão do ser. Para Heidegger, o ser é sempre o ser de um ente, ou seja, o existir de um ente. O ser é o ente pensante, questionante, existente. Neste sentido, o homem se torna compreensível no seu existir. Heidegger não pensa numa ontogonia, mas num conhecimento do ser a partir da compreensão de sua auto-existência (*presença*).

²⁹ GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991, p. 29.

³⁰ GIDDENS, 1991, p. 30.

³¹ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*- Parte I. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 13.

³² HEIDEGGER, 2002, p. 13.

Então o ser é uma construção elaborada na sua existência objetiva e subjetiva em face de um espaço e em um período de tempo.

Nesta perspectiva, a existência é confundida com o próprio ser, pois ele é somente ser na medida em que existe. Para Heidegger, o ser não tem uma essência e, nas suas palavras: “A determinação essencial desse ente não pode ser efetuada mediante a indicação de um conteúdo quididativo, já que sua essência reside, ao contrário, no fato de dever sempre assumir o próprio ser como seu (...)”³³.

Resumidamente, segundo Heidegger, “a questão da existência sempre só poderá ser esclarecida pelo próprio existir”³⁴. “Por isso, deve se mostrar e esclarecer, de modo genuíno, o tempo como horizonte de toda compreensão e interpretação do ser”³⁵. A radicalidade desta compreensão do *ser* baseada, somente, em sua temporalidade apresenta grandes riscos, sobretudo pela limitação histórica da existência do ser. Pensando assim, temos como consequência um ser que se desconstrói à medida que o espaço se desencaixa do tempo e, por isso, temos uma existência caótica e perdida. Desta forma, evidentemente, precisamos de uma definição do ser que não se limite a sua existência, mas que resgate sua essência.

2.4 O SER DIANTE DO DESENCAIXE³⁶ DO ESPAÇO-TEMPO

Somente um ser que transcenda as vivências cotidianas pode suportar as desconexões da relação espaço-tempo, pois uma vida que se limita ao decurso nascimento-morte revela-se insuficiente para explicar o ser, sobretudo porque com a morte deste ser, este abandona a história e não consegue se explicar e se localizar na história.

Voltando ao conceito de ser em Heidegger, que o define como ser aí (*dasein*³⁷), ou seja, o ser como última instância para se reconhecer enquanto ser e isto na sua relação com o mundo circundante; havemos de convir que esta concepção de ser é insustentável no contexto do deslocamento espaço-tempo da nossa pós-modernidade. Com a virtualização do tempo e do espaço, o mundo das vivências, que é estribado na relação espaço-tempo, entra em colapso, ou seja, a tecnológica pós-modernidade está roubando, progressivamente, o mundo do ser humano. Portanto, um ser que é concebido baseado na relação espaço-tempo, ou seja, o ser-aí-no-mundo de Heidegger é um ser caótico e perdido.

Verificamos que, atualmente, não é plausível uma explicação do ser humano a partir de suas vivências mundanas, logo a ideia de que “o ser só pode ser determinado a partir do seu sentido como ele mesmo”³⁸ não se estabelece num mundo que se virtualiza no tempo e no espaço. Acreditar que o

³³ HEIDEGGER, 2002, p. 39.

³⁴ HEIDEGGER, 2002, p. 39.

³⁵ HEIDEGGER, 2002, p. 45.

³⁶ A expressão “desencaixe do espaço –tempo” é uma abordagem originalmente usada por Giddens no livro “As consequências da modernidade”.

³⁷ *Dasein* é uma expressão Heideggeriana na língua alemã, que traduzido quer dizer o ser-aí-no-mundo.

³⁸ HEIDEGGER, 2002, p. 13.

homem pós-moderno realiza e limita sua “existência na estrutura do ser-no-mundo”³⁹ é uma ingenuidade, sobretudo porque as vivências são fluídas e escorregadias no sistema espaço-tempo. Portanto, quando admitimos que a “questão da existência sempre só poderá ser esclarecida pelo próprio existir”⁴⁰, caímos num *buraco negro*, pois a existência, baseada apenas nas vivências mundanas (*lebenswelt*)⁴¹ não explica nem comporta o ser na sua estupenda complexidade.

Feitas estas considerações, vamos pensar numa concepção de ser que extrapole o seu existir no mundo do espaço-tempo que contemple, também, sua essência. Para isso precisamos ter como ponto de partida um conceito que não limite o ser humano às suas vivências mundanas, admitindo que sua presença no mundo exige uma explicação que transcenda o mundo físico. A ideia de considerar a consciência como um artefato das vivências humanas tem se revelado um equívoco, uma vez que se eu considero a “consciência como consciência posicional do mundo”⁴², eu roubo do ser a sua essência.

Nesta perspectiva, se a consciência entrasse na vida do ser humano como uma tábula rasa, uma folha em branco, um livro sem palavras, rebaixaríamos o ser humano a condição de um irracional. Além disto, não podemos esquecer que toda consciência é consciência de si mesmo, ou seja, tudo que pensamos e sentimos começa em nossa subjetividade. A consciência é inerente ao ser e isto é tanto verdade que Sartre admite que “o primeiro passo de uma filosofia deve ser, portanto, expulsar as coisas da consciência e restabelecer a verdadeira relação entre esta e o mundo (...)”⁴³. Sendo assim, ele admite que existe uma consciência essencial, embora não goste desta ideia.

Diante de tudo isto, passemos a pensar, agora, num modelo de vida que comporte satisfatoriamente *essência* e *existência* do ser. Para isto, vamos analisar uma figura histórica que servirá de arquétipo para a humanidade de todas as eras. Neste sentido, não há ninguém tão notável e surpreendentemente humano como a pessoa de Jesus de Nazaré. A partir de agora vamos fixar os olhos na sua pessoa e história.

3 O SER HUMANO, JESUS

O ponto de partida para conhecermos uma pessoa é sempre a partir do seu nome. O nome diz muito a nosso respeito ou, pelo menos, deveria dizer. Ele evoca nossa história, identidade e origem. No contexto geográfico e cultural do Novo Testamento, o nome é algo muito importante. O nome para a cultura hebraica representa a pessoa, por isso os nomes exteriorizavam o que se esperava, o que se imaginava a respeito daquela pessoa ou, ainda, a circunstância histórica do nascimento dela. A prática de escolher o nome baseado nestes fatores remonta ao Velho Testamento. Por exemplo, quando José

³⁹ HEIDEGGER, 2002, p. 19.

⁴⁰ HEIDEGGER, 2002, p. 39.

⁴¹ *Lebenswelt* significa mundo da vida na língua alemã

⁴² SARTRE, Jean Paul. *O ser e o nada* – ensaio de ontologia fenomenológica. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 22.

⁴³ SARTRE, 1997, p. 22.

do Egito nasceu, sua mãe (Raquel) lhe deu este nome porque entendia que o significado do nome José (*o Senhor acrescenta/prospera*) era um indicativo de que ele era o primeiro de uma série de filhos que ela pretendia.

Quando pensamos no nome de Jesus, (Ieshua na língua hebraica e Iesous na língua grega) é importante sabermos que este nome é muito frequente e comum na sociedade judaica do Velho Testamento. Há relatos de muitas pessoas com este nome, desde os dias de Moisés até no período posterior ao cativeiro babilônico (Ex. 17. 9⁴⁴ – Zc. 6. 11⁴⁵). O Nome Jesus/Ieshua/Iesous é uma variante do nome Josué e seus correlatos (Jesua/Joshua/Jeshua), que está presente em toda a história do povo judeu e significa, basicamente, aquele que traz auxílio, cura, redenção, libertação e livramento. Estes nomes são usados intercambiavelmente ao longo das escrituras do Velho Testamento.

O vocábulo Jesus em nossa língua se deve ao fato de termos a letra Jota (J), que não está presente no alfabeto hebraico nem no grego⁴⁶. Logo o nome Jesus é um aportuguesamento do nome dele na língua hebraica (Ieshua), bem como na língua grega (Iesous). Feitos estes esclarecimentos relacionados à questão ortográfica e fonética do nome Jesus, precisamos entender que o nome está associado ao seu ministério de redenção, libertação e cura.

O nome Jesus é o segundo substantivo mais presente no Novo Testamento, aparecendo 908 vezes. Deus é o único nome que aparece mais vezes. Muito bem, retomando nossa conversa sobre o nome de Jesus, percebemos que o nome próprio mais presente no Novo Testamento é o dele (mesmo porque Deus não é nome próprio). Percebemos que o nome dele é o mais invocado, citado e comentado no mundo inteiro. Até seus inimigos são obrigados a citar seu nome⁴⁷. Sabemos que o nome dele, quando invocado, tem poder, porque não há outro nome⁴⁸ que pode salvar o homem do pecado e do poder de Satanás. Todos os dias, em grande parte do mundo, o seu nome é lembrado por cada cristão. O nome de Ieshua, Iesous, Jesus ecoa em cada canto da terra, arrepiando os adversários e estabelecendo o trono de Deus na terra. Agora que já sabemos alguma coisa do nome, vamos pensar na pessoa Jesus!

3.1 A PESSOA DE JESUS PARA A CRISTANDADE

Num primeiro momento, precisamos entender qual era a expectativa acerca do Messias judaico. O profeta Isaías prediz o nascimento de Jesus e Lucas explica sua vida biológica, social e religiosa, senão vejamos:

⁴⁴ Com isso, ordenou Moisés a Josué: Escolhe-nos homens, e sai, e peleja contra Amaleque; amanhã, estarei eu no cimo do outeiro, e o bordão de Deus estará na minha mão.” (ALMEIDA, 1993, Êxodo 17:9 RA).

⁴⁵ Recebe, digo, prata e ouro, e faz coroas, e põe-nas na cabeça de Josué, filho de Jozadaque, o sumo sacerdote. (ALMEIDA, 1993, Zacarias 6:11 RA).

⁴⁶ No alfabeto hebraico temos o yod (y) e no grego o iota (i) ambos com som de i.

⁴⁷ Mas o espírito maligno lhes respondeu: Conheço a Jesus e sei quem é Paulo; mas vós, quem sois?” (ALMEIDA, 1993, Atos 19:15 RA).

⁴⁸ E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos. (ALMEIDA, 1993, Atos 4:12 RA).

Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado pelo nome de Emanuel (que quer dizer: Deus conosco). Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros, e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz” (Isaías 9. 6). “E crescia Jesus em sabedoria, estatura, e graça, diante de Deus e dos homens” (Lucas 2. 52).

A amostra dos textos, acima, nos mostra a necessidade de lidarmos com leituras paradoxais da pessoa, natureza e obras de Jesus. Para começo de conversa, podemos perguntar: Como um menino nascido de mulher pode ser chamado de Deus Forte e Pai da eternidade? Ainda: como um menino que é o próprio Deus, na forma humana, pôde crescer fisicamente e progredir intelectualmente (crescer em sabedoria)? Esses paradoxos enchem o coração dos leitores da Bíblia de graça e estupefação.

Entrementes, a encarnação do verbo é o maior mistério das Escrituras, pois “o verbo se fez carne e habitou entre nós”.⁴⁹ O Deus Todo Poderoso se esvazia de sua glória assumindo a natureza humana, todavia, sem assumir a pecabilidade da raça (Fp. 2. 6, 7). Irá sim, na cruz, assumir o pecado, mas não a natureza pecaminosa dos homens caídos. Ele que nunca conheceu pecado, se fez pecado por amor de nós (conforme II Coríntios 5. 21)⁵⁰.

Nesse sentido, estudar Cristo na sua encarnação, ministério, crucificação, morte e ressurreição se torna o maior desafio intelectual que um ser humano pode empreender. Sendo assim, vamos conhecer a maravilhosa pessoa chamada Jesus! Inicialmente, precisa ser dito que Ele possui duas naturezas e uma personalidade. Ele é Deus-homem, não havendo, portanto, uma dupla personalidade. Cada natureza é essencial e inconfundível, não podendo, portanto, fundirem-se numa só natureza. Jesus é o “Teantropos”, o Deus-homem, sendo, portanto, uma só pessoa. Esta união de duas naturezas, sendo distintas e inseparáveis, chamamos de união hipostática.

Como podemos provar que Jesus não tinha uma dupla personalidade? No comentário de seus contemporâneos, percebemos que eles viam Jesus como um ser social e relacional quanto a sua personalidade (Marcos 6. 2, 3)⁵¹. Seus discípulos lhe tratavam como uma pessoa una, e não uma pessoa que ora era Deus, ora homem. Por que podemos afirmar que ele tinha duas naturezas? Primeiramente porque percebemos, com clareza, características próprias da natureza humana, pois tinha um corpo físico, necessidades, atitudes, sentimentos e pensamentos próprios de um ser humano.

Sendo assim, analisemos alguns exemplos extraídos das Escrituras: Ele se movia num corpo físico, ele tocava e era tocado, conforme podemos perceber no texto de Mateus. 8. 3 e Mateus 9. 20,

⁴⁹ Evangelho de João 1. 14 (ALMEIDA, 1993).

⁵⁰ Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus. (ALMEIDA, 1993, 2 Coríntios 5:21 RA).

⁵¹ Chegando o sábado, passou a ensinar na sinagoga; e muitos, ouvindo-o, se maravilhavam, dizendo: Onde vêm a este estas coisas? Que sabedoria é esta que lhe foi dada? E como se fazem tais maravilhas por suas mãos? Não é este o carpinteiro, filho de Maria, irmão de Tiago, José, Judas e Simão? E não vivem aqui entre nós suas irmãs? E escandalizavam-se nele. (Grifo do autor - ALMEIDA, 1993, Marcos 6:2-3 RA).

21⁵². Seu corpo experimentava limitações fisiológicas, sentindo fome, cansaço, sede etc (João 4. 6, Mt. 4. 2)⁵³. Ele era visto e percebido pela sua estrutura corporal (Lucas 24. 39).⁵⁴ Não somente isso, mas manifestou sentimentos humanos, compadecendo-se, sentindo tristeza, alegrando-se, chorando etc (João 11. 35).⁵⁵ Também demonstrou crescimento intelectual, quando a Bíblia diz que Ele crescia em graça e sabedoria (conforme Lucas 2. 52).

Ainda quanto a sua natureza humana, o Novo testamento apresenta Jesus como aquele que experimentou sofrimentos, privações em seu corpo físico, culminando com sua morte física⁵⁶, sendo que as experiências de sofrimento físico e morte só seriam possíveis para os humanos. Por isso ele foi agredido, açoitado, ferido, passando pela morte e assumindo, assim, as consequências do pecado sobre a nossa raça, muito embora, ele nunca tivesse pecado, mas ele se fez pecado em nosso lugar (2 Co. 5. 21)⁵⁷. Portanto, em tudo, ele se identificou com nossa humanidade (exceto com a herança pecaminosa).

Em segundo lugar, porque ele evidencia a natureza divina ao longo de todo o seu ministério, uma vez que o próprio Jesus tinha conhecimento disto, falava disto e demonstrava isto através de prerrogativas próprias da Divindade. Há passagens em que ele assume prerrogativas que são próprias de Deus. Diante dos judeus ele mostra a sua eternidade como Filho de Deus, afirmando que Ele conhecera Abraão, o que deixa pasmo os judeus⁵⁸. Ele afirma sua completa soberania e condição de Juiz Universal, e isto em diversos textos⁵⁹. Além do mais, ele, Jesus, coloca-se em igualdade essencial com o Pai⁶⁰, além de dar novos mandamentos, configurando sua condição de Legislador⁶¹. E, por fim, recebe adoração e perdoa pecados.

⁵² E Jesus, estendendo a mão, tocou-lhe, dizendo: Quero, fica limpo! E imediatamente ele ficou limpo da sua lepra.” (Mateus 8:3 RA) – E eis que uma mulher, que durante doze anos vinha padecendo de uma hemorragia, veio por trás dele e lhe tocou na orla da veste; porque dizia consigo mesma: Se eu apenas lhe tocar a veste, ficarei curada.(ALMEIDA, 1993, Mateus 9:20-21 RA).

⁵³ Estava ali a fonte de Jacó. Cansado da viagem, assentara-se Jesus junto à fonte, por volta da hora sexta.(ALMEIDA, 1993, João 4:6 RA) - E, depois de jejuar quarenta dias e quarenta noites, teve fome. (ALMEIDA, 1993, Mateus 4:2 RA)

⁵⁴ Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e verificai, porque um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho.(ALMEIDA, 1993, Lucas 24:39 RA).

⁵⁵ Jesus chorou. (ALMEIDA, 1993, João 11:35 RA).

⁵⁶ Pois, naquilo que ele mesmo sofreu, tendo sido tentado, é poderoso para socorrer os que são tentados.(ALMEIDA, 1993, Hebreus 2:18 RA) - embora sendo Filho, aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu (ALMEIDA, 1993, Hebreus 5:8 RA).

⁵⁷ Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus. (ALMEIDA, 1993, 2 Coríntios 5:21 RA).

⁵⁸ Perguntaram-lhe, pois, os judeus: Ainda não tens cinquenta anos e viste Abraão? Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade eu vos digo: antes que Abraão existisse, EU SOU. (ALMEIDA, 1993, João 8:57-58 RA).

⁵⁹ Porque o Pai ama ao Filho, e lhe mostra tudo o que faz, e maiores obras do que estas lhe mostrará, para que vos maravilheis. (Grifo do autor - ALMEIDA, 1993, João 5:20 RA) – Porque assim como o Pai tem vida em si mesmo, também concedeu ao Filho ter vida em si mesmo. E lhe deu autoridade para julgar, porque é o Filho do Homem. (Grifo do autor - ALMEIDA, 1993, João 5:26-27 RA).

⁶⁰ Então, eles lhe perguntaram: Onde está teu Pai? Respondeu Jesus: Não me conheceis a mim nem a meu Pai; se conhecêsseis a mim, também conheceríeis a meu Pai. (ALMEIDA, 1993, João 8:19 RA) - Disse-lhe Jesus: Filipe, há tanto tempo estou convosco, e não me tens conhecido? Quem me vê a mim vê o Pai; como dizes tu: Mostra-nos o Pai? (ALMEIDA, 1993, João 14:9 RA)

⁶¹ Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros. (ALMEIDA, 1993, João 13:34 RA).

3.2 A PESSOA DE JESUS PARA ELE PRÓPRIO

Jesus se autodenominava como o *Filho do Homem*. Há, nada mais, nada menos, que 80 citações a respeito de Jesus como *Filho do Homem*. Esta é a forma que Jesus se referia a ele próprio com muita frequência⁶². Mas porque Ele se definia assim? Inicialmente, vamos examinar como essas coisas se processam nos evangelhos. Existe um texto no evangelho de João que traz a lume esta questão: “Replicou-lhe, pois, a multidão: Nós temos ouvido da lei que o Cristo permanece para sempre, e como dizes tu ser necessário que o *Filho do Homem seja levantado*? Quem é esse Filho do Homem”⁶³?

Observamos, no texto mencionado, que a expressão *Filho do Homem*, também não é facilmente compreendida pelos judeus, contemporâneos de Jesus. Mesmo porque a expressão *Filho do Homem* havia sido usada no texto do Velho Testamento, sempre em referência ao ser humano comum, pecador, como vemos ao longo de todo o livro de Ezequiel. A expressão hebraica/aramaica é, ainda, mais desconfortável, pois *Filho do Homem* é, basicamente, filho de Adão. Não obstante, Jesus preferiu a associação com o homem em todos os níveis (exceto com o pecado).

A única referência a *Filho do Homem* no Velho Testamento, como Messias, ungido e Filho de Deus está nas entrelinhas do texto de Daniel: “Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha com as nuvens do céu um como o *Filho do Homem*, e dirigiu-se ao Ancião de Dias, e o fizeram chegar até ele”⁶⁴. Portanto, a expressão *Filho do Homem* na Bíblia não é facilmente entendida, pois precisa ser compreendida não somente na questão da etimologia da palavra, mas na origem teológica do termo. O que esta expressão quer dizer vai além do que o tradutor pôde expressar com palavras. Os judeus falharam em identificá-lo, mas nós não devemos pensar em cometer o mesmo erro. Então quem é esse *Filho do Homem*?

A resposta a esta pergunta não é simples, mas é possível. Assim, Jesus possui uma natureza *teantrópica*, ou seja, ele é o Filho de Deus gestado no ventre de uma mulher. Isto já havia sido preanunciado no texto de Gênesis 3. 15: “Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a *tua descendência e o seu descendente*. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar.” Ele foi gerado pelo Espírito Santo, mas foi gestado no ventre de uma mulher. Logo, o termo *Filho do Homem*, ou filho do humano, cabe-lhe perfeitamente, no sentido sociológico. Sua manifestação ao mundo foi, assim, em pé de igualdade com a raça humana, atendendo ao propósito do Pai, mas percorrendo a trajetória natural de todo ser humano, como explica Paulo: “vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho,

⁶² Lucas 19:10 - Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o perdido. Lucas 21:27 - Então, se verá o Filho do Homem vindo numa nuvem, com poder e grande glória. Lucas 21:36 - Vigiai, pois, a todo tempo, orando, para que possais escapar de todas estas coisas que têm de suceder e estar em pé na presença do Filho do Homem. Lucas 22:22 - Porque o Filho do Homem, na verdade, vai segundo o que está determinado, mas ai daquele por intermédio de quem ele está sendo traído! Lucas 22:48 - Jesus, porém, lhe disse: Judas, com um beijo traís o Filho do Homem? (Grifo do autor - ALMEIDA, 1993).

⁶³ Evangelho de João. 12. 34 (ALMEIDA, 1993).

⁶⁴ Profeta Daniel 7. 13 (ALMEIDA, 1993).

nascido de mulher, nascido sob a lei”.⁶⁵ Por isso, Jesus é o *Filho do Homem*, como legítimo representante da raça humana⁶⁶.

Portanto, Jesus é o Cristo Eterno vestido de humanidade, ou seja, ele é o *Filho do Homem* porque Deus é encontrado no corpo de um homem, “porquanto nele habita, corporalmente, toda a plenitude da divindade”⁶⁷. O Deus Todo Poderoso se encarna (como *Filho do Homem*) para assumir nossas carências, dores e aflições e, nas palavras do profeta Isaías, para levar sobre si nossas dores e enfermidades. O propósito do verbo se fazer carne, somatizar, materializar-se em um corpo, oportuniza a Jesus, como *Filho do Homem*, desfrutar de nossas vivências, assentando em nossas praças, caminhando por nossas ruas, comendo nossas comidas. O eterno Filho de Deus, assumindo a natureza de um filho do homem, torna-se pessoa histórica, dentro do processo da encarnação.

Diante disto, temos a manifestação da Divindade Eterna entre os seres humanos, ou seja, o Deus invisível e inacessível torna-se visível e acessível em Jesus⁶⁸. Assim, conhecemos o rosto do Pai na face do Filho, pois o *Filho do Homem* revela o Deus totalmente outro (*Ganz Andere*⁶⁹), o Deus tremendo e maravilhoso. Portanto, o *Filho do Homem* é a revelação mais elevada que Deus oferece ao ser humano, pois, Jesus, como *Filho do Homem*, é a imagem exata do ser de Deus, como diz o escritor aos Hebreus: “Ele, que é o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser (...)”.⁷⁰

3.3 A VIDA SOCIAL DE JESUS

A vida anônima e pacata de Jesus, nos anos de sua infância e mocidade, é um fato que nos impressiona, pois os evangelhos não apresentam nenhum fato espetacular (fora sua ida ao templo aos 12 anos)⁷¹. A vida comum e rotineira de Jesus ao lado de sua família é uma questão importante para ser pensada, sobretudo porque sua vida pública só se dá a partir dos trinta anos de vida. E, além disto, por curto período (três anos apenas). Podemos dizer que Jesus gostava de uma vida mais doméstica e anônima, sem sombra de dúvida.

O fato de ele ser uma pessoa comum é bem percebido pelos seus conterrâneos, sendo que, quando Jesus assume seu chamado e ministério, gera estranheza diante dos seus feitos miraculosos. Seus colegas de infância e mocidade exclamam: “Não é este o carpinteiro, filho de Maria, irmão de

⁶⁵ Carta de Paulo de Gálatas 4. 4 (ALMEIDA, 1993).

⁶⁶ Por isso mesmo, convinha que, em todas as coisas, se tornasse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote nas coisas referentes a Deus e para fazer propiciação pelos pecados do povo. (ALMEIDA, 1993, Hebreus 2:17 RA).

⁶⁷ Conforme Carta de Paulo aos Colossenses 2. 9 (ALMEIDA, 1993).

⁶⁸ Disse-lhe Jesus: Filipe, há tanto tempo estou convosco, e não me tens conhecido? Quem me vê a mim vê o Pai; como dizes tu: Mostra-nos o Pai?(Grifo nosso - ALMEIDA, 1993, João 14:9 RA).

⁶⁹ *Ganz Andere* é um termo alemão usado pelo Teólogo Rudolf Otto para dizer que Deus é totalmente diferente, numinoso, tremendo.

⁷⁰ Texto de Hebreus 1. 3 (ALMEIDA, 1993).

⁷¹ Quando ele atingiu os doze anos, subiram a Jerusalém, segundo o costume da festa -(ALMEIDA, 1993, Lucas 2:42 RA)

Tiago, José, Judas e Simão? E não vivem aqui entre nós suas irmãs? E escandalizavam-se nele”⁷². O espanto se deve ao fato de Jesus ser visto naquela comunidade, apenas, como um carpinteiro, não como um rabino, um profeta ou alguém extraordinário.

Outra reflexão importante sobre isto é que Jesus não fez alarde das coisas grandes que aconteceram ou estavam na sua vida desde sua concepção. Ele preferiu uma vida simples e bucólica numa comunidade de mais ou menos trezentas famílias (população de Nazaré). Especialmente em uma sociedade, como a nossa, que valoriza a exibição e o espetáculo, tal reflexão se torna obrigatória, considerando o fato de que Jesus, sendo o Rei da glória, ainda assim, não buscou, em momento algum, a exaltação e as honrarias que lhe eram devidas (Fp. 2. 5, 6)⁷³. Ele escolheu, o tempo todo, uma vida pacata e anônima, como predisse Isaías: “Não clamará, nem gritará, nem fará ouvir a sua voz na praça”⁷⁴.

Quanto a sua vida pública, alguns fatos nos chamam a atenção: Seu foco ministerial no ensino, sua agenda extra-templo e seu discurso inclusivo. É muito interessante o fato de Jesus dar preeminência ao ensino em vez dos sinais. O caminho dos sinais seria um fator de pavimentação para o seu ensinamento. Com certeza as pessoas se sentiriam mais dispostas a ouvi-lo. Não obstante, ele preferiu ensinar e depois realizar os sinais. Houve situações que ele preferiu ensinar e não fazer nenhum sinal, especialmente no ambiente mais religioso (templo e sinagoga).

A sua preferência por um ministério itinerante que percorria campos, aldeias e cidades é evidente, evitando estacionar seu ministério em dado lugar ou circunstância. Ele próprio afirma: “Vamos a outros lugares, às povoações vizinhas, a fim de que eu pregue também ali, pois para isso é que eu vim”⁷⁵. A religião pós-moderna caracterizada pelo comportamento confortista, estático e templário não combina muito com a proposta de igreja itinerante e dinâmica, nem com o desafio de irmos por todo o mundo e pregarmos a toda criatura.

O discurso inclusivo de Jesus, ainda hoje, repercute assustadoramente em nossas congregações. Imagine, naquela época, ter como seus seguidores, pescadores semianalfabetos (João, Pedro, Tiago, André), funcionários públicos romanos (Levi, Zaqueu e outros) e políticos (Judas, o zelote), além de prostitutas, ex-endemoniados, ex-leprosos, ex-paralíticos e todo tipo de gente marginalizada pela elite religiosa. Ninguém foi tão acolhedor e inclusivo quanto Jesus.

⁷² Evangelho segundo Marcos, capítulo seis, versículo 3 (ALMEIDA, 1993).

⁷³ Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; (ALMEIDA, 1993, Filipenses 2:5-6 RA).

⁷⁴ Livro do profeta Isaías, capítulo 42, versículo 02 (ALMEIDA, 1993).

⁷⁵ Evangelho segundo Marcos, capítulo 1, versículo 38 (ALMEIDA, 1993).

4 ESTABELECENDO CONEXÕES ENTRE A PESSOA DE JESUS E O SER HUMANO PÓS-MODERNO

Depois de analisarmos, minimamente, o nome, a pessoa e a vida de Jesus, devemos assumir que Jesus é absolutamente original e surpreendente. Jesus viveu a vida na sua plenitude, aceitando e amando intensamente a sua missão como Salvador, mas sem se esquecer de sua vida de filho, irmão, amigo e cidadão. Ele soube ser humano e divino ao mesmo tempo. Não somente isto, mas viveu sua vida pessoal, familiar e comunitária em uma cidade pacata e sem glamour político e cultural. Jesus soube conjugar, no ato da sua encarnação, a sua essência eterna com sua existência histórica.

Dito isto, que paralelo podemos fazer entre a vida ajustada e equilibrada de Jesus com nossa geração entediada e estressada, refém de uma agenda estafante? O que falar de nossos conflitos com a relação tempo-espaço? O que dizer de nossa ignorância acerca da complexidade do nosso ser? Como saber, onde nos perdemos na história? Como descobrir o verdadeiro humano que habita em nós?

Certamente que, em algum momento da nossa história, nós abrimos mão da nossa essência, preferindo uma vida mundana/materialista/existencialista. Este apartamento de nossa essência se dá no momento em que tentamos ignorar nossas demandas internas e subjetivas, buscando compreender o mundo e o ser humano a partir do que nossa sensoriedade alcança. A transição do mundo religioso e mítico para o mundo racional e empírico roubou nossa ingenuidade e crença numa vida além-matéria.

A herança de um mundo secularizado, racional e materialista chegou à pós-modernidade, que não dispunha de tempo nem de vocação para a reflexão sobre o processo histórico herdado. A geração pós-moderna, especialmente da década de 80 para cá, é uma geração que experimentou a globalização numa escala jamais vista, em face da presença da internet, alavancando o surgimento das mídias sociais.

Diante disto, a relação espaço-tempo desmoronou-se por completo em face da velocidade da comunicação, dos equipamentos de simultaneidade e da democratização da produção e acesso à informação e ao conhecimento. Com isso, o ser humano da pós-modernidade está fragmentando o seu *ser* em diversas frentes espaciais e temporais, cedendo aos “caprichos dos mercados de mão de obra e de mercadorias”⁷⁶ que agem promovendo a competição e a divisão entre os indivíduos.

Diante deste quadro de inseguranças, incertezas, descontinuidades e angústias, faz-se indispensável um reaprendizado a respeito do que, de fato, é ser um humano. A autocompreensão que Jesus tinha de si mesmo, neste sentido, fornece um paradigma apropriado para uma concepção abrangente e complexa do ser humano. É interessante como Jesus não renunciou a sua essência para se ajustar a sua existência, ou seja, o fato de ele se humanizar⁷⁷ não o levou a desfazer-se de sua divindade. Outra questão interessante é que ele, Jesus, não destruiu os paradoxos necessários na sua

⁷⁶ BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p. 09.

⁷⁷ E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai. (ALMEIDA, 1993, João 1:14 RA).

vida. Sendo assim, ele era eterno, mas submeteu-se à morte; era santo, mas conviveu com os pecadores; era filho de Deus, mas, também, era filho do homem.

4.1 O QUE NOS FAZ HUMANOS, ENTÃO?

Não somos humanos porque somos socializados pela sociedade, mas porque nascemos humanos, com uma mente e um corpo humanos. Há quem acredite que o ser humano se humaniza pela convivência, conforme o relato abaixo:

Assim, é o caso de duas meninas encontradas na Índia em 1920 que teriam crescido entre os lobos, vivendo, portanto, como animais. Essas crianças não possuíam quaisquer das características humanas: não choravam, não riam e, sobretudo, não falavam. O seu processo de humanização só se teria iniciado ao participarem do convívio humano.⁷⁸

Entretanto, temos a objetar que não é o comportamento social que nos faz humanos, mas a nossa natureza essencial. A convivência com uma alcateia de lobos não nos torna lobos, porque essencialmente somos humanos. Podemos ter um comportamento social semelhante aos lobos (comendo carne crua e uivando), mas isto não nos rouba a natureza de humanos.

O fato de nossa existência na sociedade pós-moderna ser desajustada, confusa e fragmentada não anula o fato de que temos uma essência. E este parece ser o grande engano de nossa geração, acreditar que a existência prescinde da essência. Nosso ponto de partida deveria ser a convicção que somos, na essência, humanos. A existência reconhece e implementa nossa humanidade, mas não é a nossa vida no mundo (existência) que nos torna humanos. A socialização é um processo que não nos torna humanos, mas que nos ensina a viver em comunidade.

Neste sentido, “por mais que adestremos os animais superiores e os façamos aproximarem-se de comportamentos semelhantes aos humanos, jamais eles conseguirão transpor o limite que separa a natureza da cultura”⁷⁹. E porque eles não são capazes de produzir cultura? Porque não faz parte da essência (natureza) do animal produzir cultura. A cultura só pode ser produzida por um ser que é capaz de transpor a realidade física, imaginar mundos não acessíveis pelos sentidos e perspectivar sobre o futuro. E este ser é o homem, que nasce com estas possibilidades e, ao longo de sua existência, exercita-se nestas experiências culturais.

O desconforto e as crises existenciais da pós-modernidade estão associados à negação da dimensão essencial do ser. Neste sentido, alguns episódios da vida de Jesus são muito interessantes e sugestivos. Um deles é narrado no evangelho de João⁸⁰, mostrando a conjugação sadia entre a essência

⁷⁸ ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando* – Introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 2003, p. 22.

⁷⁹ ARANHA; MARTINS, 2003, p. 27.

⁸⁰ Três dias depois, houve um casamento em Caná da Galiléia, achando-se ali a mãe de Jesus. Jesus também foi convidado, com os seus discípulos, para o casamento. Tendo acabado o vinho, a mãe de Jesus lhe disse: Eles não têm mais vinho. Mas Jesus lhe disse: Mulher, que tenho eu contigo? Ainda não é chegada

e a existência da pessoa de Jesus. A narrativa evangélica diz que Jesus foi convidado para uma festa de casamento e ele prontamente aceitou, ou seja, ele foi à festa, comeu, bebeu e alegrou-se com as pessoas que estavam naquele lugar.

Destarte, este comportamento realça o seu ser social/existencial conectado a sua realidade espacial e histórica. Ato contínuo, a narrativa informa que em dado momento da festa, o vinho acabou. E como Jesus se comporta? Ele dá vazão a sua natureza divina e transforma água em vinho, reabastecendo o estoque de vinho da festa. Fica realçado, agora, a sua essência. Observe que as duas naturezas coexistem em perfeita harmonia, ou seja, *essência e existência* compondo o ser Jesus.

Por fim, a tentativa de conceber o ser humano como produto de uma conjuntura espaço-temporal, considerando este ser apenas mais uma dentre as diversas formas de vida, ou apenas como um primata evoluído, retirou o encanto e a complexidade da experiência de se ser um humano. Assim, a racionalização da vida e a tecnificação do nosso cotidiano remove a essência do humano, roubando-lhe a fé, a poesia e a alegria de ser profunda, inexplicável e misteriosamente humano.

5 CONCLUSÃO

Uma conclusão responsável exige um perpassamento mínimo pelos principais pontos abordados ao longo do tema proposto, entretanto, queremos fazer isto de forma sucinta e objetiva, sobretudo, para não correremos o risco de *chover sobre o molhado*. Sendo assim, o nosso objetivo principal é estabelecer uma teia de relações entre o espaço-tempo e o ser, na busca de um conceito adequado para o ser humano da pós-modernidade. Sofisticando um pouco, estamos em busca de um estatuto ontológico para o ser humano pós-moderno, em face do seu cotidiano, cercado das mazelas de uma vida terrivelmente estressante e desajustada no seu espaço-tempo.

Partindo desse objetivo principal, encontramos, num primeiro momento, o início da discussão da relação espaço-tempo-ser. Neste primeiro ato é feita a caracterização geográfica do *lugar* como espaço privilegiado para a estruturação do ser. São apresentadas as novas formatações do lugar como categoria fluida e dinâmica de espacialidade.

Neste mesmo capítulo, num segundo momento, é discutido o conceito de tempo na pós-modernidade, especialmente em função das modernas mídias eletro-informáticas e da possibilidade de o cidadão comum acessar e produzir informação e conhecimento. Este capítulo, por fim, denuncia a desconexão entre espaço e tempo, gerada pelas ferramentas tecnológicas citadas, produzindo um vácuo

a minha hora. Então, ela falou aos serventes: Fazei tudo o que ele vos disser. Estavam ali seis talhas de pedra, que os judeus usavam para as purificações, e cada uma levava duas ou três metretas. Jesus lhes disse: Enchei de água as talhas. E eles as encheram totalmente. Então, lhes determinou: Tirai agora e levai ao mestre-sala. Eles o fizeram. Tendo o mestre-sala provado a água transformada em vinho (não sabendo donde viera, se bem que o sabiam os serventes que haviam tirado a água), chamou o noivo e lhe disse: Todos costumam pôr primeiro o bom vinho e, quando já beberam fartamente, servem o inferior; tu, porém, guardaste o bom vinho até agora. Com este, deu Jesus princípio a seus sinais em Caná da Galiléia; manifestou a sua glória, e os seus discípulos creram nele. (ALMEIDA, 1993, João 2:1-11 RA).

existencial no ser humano pós-moderno, em face do desencaixe entre espaço e tempo. Temos diante de nós um ser humano fragmentado, perdido e caótico.

Entrementes, num segundo momento, vamos encontrar a proposta de um paradigma ontológico, baseado na pessoa de Jesus, com o objetivo de demonstrar a plausibilidade de uma vida equilibrada, sadia e proposital. A pessoa de Jesus é apresentada como um formato ontológico original e adequado para o ser humano, em face da sua capacidade de viver plenamente a sua vida no plano existencial (dimensão histórica) e no plano essencial (dimensão divina). O capítulo demonstra, também, que a complexidade e os paradoxos da vida são uma inerência, uma necessidade da nossa natureza de *ser*. Assim, de certa forma, o *ser* não pode ser esgotado, nem totalmente conhecido, pois não podemos conhecê-lo totalmente no seu devir existencial.

Outrossim, caminhando para o fim do texto, buscamos as conexões entre o estatuto existencial de Jesus e o *modus vivendi* da geração pós-moderna. Nesta busca, fica demonstrada que a fragmentação e inadequação do ser humano contemporâneo passa pela subtração da sua dimensão essencial. Neste sentido, há o reconhecimento da impossibilidade do *ser* sobreviver física e mentalmente, de forma sadia, feliz e equilibrada, quando não sabe conjugar a sua natureza existencial com a essencial.

Destarte, percebemos claramente que a dimensão material/física/existencial não consegue compensar a ausência do espiritual/transcendente/essencial. Por fim e por tudo que foi esboçado, acreditamos que “tudo fez Deus formoso no seu devido tempo; também pôs a eternidade no coração do homem (...)”⁸¹, logo, o ser se move *existencialmente* na relação espaço-tempo, mas somente satisfaz, *essencialmente*, naquilo que os olhos não veem, o ouvido não ouve e as mãos não apalpam, pois a substância essencial do *ser* foi tecida na eternidade.

⁸¹ALMEIDA, 1993, Eclesiastes 3:11 RA.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, João Ferreira. *Bíblia Sagrada*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução à filosofia*. São Paulo: Moderna, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BONNEMAISON, Joel. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDHAL, Z. (Orgs.). *Geografia cultural: um século* (3). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002, p.83-131. p. 108.
- CRIPPA, Adolpho. *Mito e Cultura*. São Paulo: Convívio, 1975.
- DARDEL, Eric. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DESCARTES, René. *Discurso do Método*. Porto Alegre: L & PM, 2013.
- DIOGENES, Juliana. *Por ano, paulistano passa, em média, 1 mês e meio preso no trânsito*. Disponível em: <<https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,por-ano-paulistano-passa-em-media-1-mes-e-meio-presno-no-transito,10000076521>>. Acesso em 25 de agosto de 2019.
- ELIADE, Mircea. *O mito do eterno retorno*. São Paulo: Mercúrio, 1992.
- ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.
- HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade*. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.
- HARARI, Noah Harari. *Sapiens: uma breve história da humanidade*. 24 ed. Porto Alegre: L & PM, 2017.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo - Parte I*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- HOLZER, Werther. O lugar na geografia humanista. *Revista Território*, Rio de Janeiro, ano IV, p. 67 – 78, 1999.
- OLIVEIRA, Cleide Maria de. Vestígios do sagrado na pós-modernidade. *NUMEN, Revista de estudos e pesquisa da religião*, Juiz de Fora, v. II, n. 1 e 2, p. 09-31, 2005. p. 18.
- ROCHA, José Carlos. Diálogo entre as categorias da geografia: espaço, território e paisagem. *Caminhos de Geografia*, Uberlândia, v. 9, n. 26, p. 128 – 142, 2008.
- SARTRE, Jean Paul. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- TUAN, Yi-Fu, *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Rio de Janeiro: Difel, 1980.